Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

Ano I nº 3
19/6 a 25/6/1996
R$ 1,00

Todos na GREVE GERAL!

Terra e Liberdade resgata debate sobre a guerra civil na Espanha

Filme do diretor Kem Loach mostra a coragem dos combatentes anti-fascistas e ressalta a traição do stalinismo na revolução espanhola

páginas 10 e 11

CURTAS

Atrasados. Segundo o boletim do Dieese do mês de abril, foram realizadas no país 73 greves em março. O interessante é que 43 delas, praticamente 60%, foram para exigir o pagamento de salários atrasados. Também chama atenção o fato de que o atraso no pagamento não se limita mais aos servidores estaduais e municipais de várias cidades ou Estados que alegam estarem quebrados. Em empresas metalúrgicas da Grande São Paulo, por exemplo, foram 13 as greves por esse motivo durante o mês pesquisado.

◆

Extinção. Envolvendo uma soma estimada em mais de R$ 60 milhões, a indústria de autopeças Metal Leve, uma das mais importantes de São Paulo e do país, foi vendida para um grupo liderado pela empresa alemã Mahle, com participação da Cofap e do banco Bradesco. É a chamada "globalização do setor nacional de autopeças". O Sindicato dos fabricantes de Autopeças (Sindipeças) estima que 350 empresas do setor vão continuar controladas por grupos nacionais até o ano 2.000. As outras mil empresas nacionais de autopeças já foram vendidas.

◆

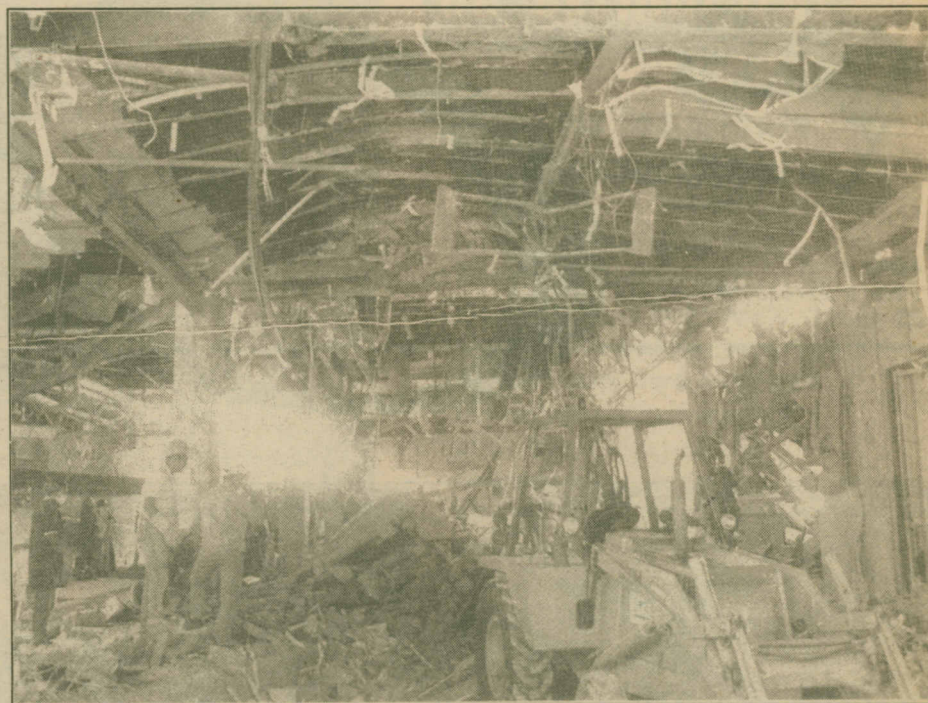
Aliados. *"Os aliados de primeira hora serão os primeiros no poder".* Com esta frase e erguendo o braço do dono da clínica Santa Genoveva, Eduardo Spínola, o candidato do PSDB à prefeitura do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral Filho, encerrou seu discurso na convenção do PTB carioca realizada em 25 de maio, quando esse partido aderiu à sua candidatura. Nessa convenção, Cabral Filho ganhou também o entusiasmado apoio do deputado federal Roberto Jeferson (aquele da tropa de choque do governo Collor na CPI). Resta saber se o candidato tucano vai manter a promessa (caso ganhe a eleição) de premiar com o poder o dono de um verdadeiro campo de concentração responsável pela morte de 98 idosos.

◆

Proer todo dia. O governo anunciou que pretende ampliar a utilização do Proer para os empréstimos, na falta de liquidez monetária a curto prazo. Ou seja, quando o banco não tem grana para fechar suas contas no final do dia. O governo quer com isso desvincular o Proer da imagem de pânico, de que só entra em ação quando um banco já está quebrado. Querem que seja uma coisa "normal" o Proer fornecer empréstimos a curto prazo em qualquer dificuldade. Caro leitor, o governo na verdade está dizendo o seguinte: a mamata vai ser diária e não só nas "grandes" emergências. É muita cara de pau!

◆

Manobra. Em menos de um minuto de leilão, foi privatizado o segundo trecho da Rede Ferroviária Federal. Agora, foi a chamada Malha Centro-Leste. Por R$ 316,9 milhões (a serem pagos em mais de 30 anos com juros de 12% ao ano), o consórcio liderado pela Companhia Vale do Rio Doce (o único que estava disputando) arrematou o trecho. Parece estranho, afinal, uma estatal comprou outra. Nem tanto assim. O objetivo da diretoria da Vale e do próprio governo é valorizar a empresa para o seu futuro leilão, já que a Vale é uma das pedras preciosas do programa de privatização de FHC.

O QUE SE VIU

Roberto Setton

Vista interna do que sobrou de um dos corredores do Shopping em Osasco, após a explosão no último dia 11 de junho. Outro exemplo de negligência e ganância, que custou a vida de 40 pessoas. Os donos do shopping sabiam do vazamento de gás de cozinha que provocou a explosão e proibiram os seguranças de falarem sobre os riscos de acidente.

O QUE SE DISSE

"A CMTC era onerosa, custosa e não vamos retomá-la."

Luiza Erundina, durante debate com as mulheres de diretores do Sesc e do Senac, no dia 14/6/1996.

"Não darei um passo sem ouvir Eduardo Spínola."

Sérgio Cabral Filho, candidato do PSDB à prefeitura do Rio de Janeiro, ao referir-se ao petebista e dono da clínica Santa Genoveva, durante convenção do PTB.

"Do jeito que está sendo votada, a Reforma da Previdência é desnecessária."

Reinhold Stephanes, ministro da Previdência, na Folha de S.Paulo, em 15/6/1996.

"O cheiro de gás de cozinha era tão forte que duas ascensoristas chegaram a desmaiar nos elevadores entre o subsolo e o piso térreo do shopping. Fizemos um relatório para a administração. Uma vez me disseram que os bombeiros da brigada já estavam vendo o que acontecia, mas nada foi feito para evitar a tragédia"

José Antonio Lima, segurança de uma empresa que trabalhava no Shopping de Osasco, fala como estava o local cinco dias antes da tragédia. No jornal *O Globo*, 14/6/1996.

"O governo vai triplicar o número de municípios já beneficiados pela Comunidade Solidária, fazendo chegarem a uns mil. Olha aí tudo pelo social, que negam tanto ao governo. Mas, no Congresso, todo mundo entendeu logo que é tudo pelo eleitoral."

Jânio de Freitas, na *Folha de S.Paulo*, em 14/6/96

PSTU

◆**Nacional:** Tel - 549-9666 / 574-5838 / 575-6093 (SP) ◆ **São Paulo (SP):** Rua Nicolau de Souza Queiroz 189 - Paraíso- Tel (011) 572-5416 ◆**São Bernardo do Campo (SP):** Rua João Ramalho 64 - Tel (011) 756-0382 ◆ **Guarulhos (SP):** Rua Glauce Souza Lima 17 Vila Augusta ◆ **São José dos Campos (SP):** Rua Mario Galvão 189 Centro Tel (0123) 41-2845 ◆ **Rio Claro (SP):** Av. 1, 1143 Centro - Tel 24-0193 ◆ **Rio de Janeiro (RJ):** Rua da Candelária 87 4º And. Tel (021) 233-7374 ◆ **Florianópolis (SC):** CX Postal 3082 CEP 88010-970 ◆ **Duque de Caxias (RJ):** Rua Nunes Alves 75 Sala 602 ◆**Belo Horizonte (MG):** Rua Padre Belchior, 289 Centro Tel: (031) 226-3460 ◆ **Natal (RN):** Av. Rio Branco 815 Centro ◆**São Luís (MA):** Rua Candido Ribeiro, 441 Sala 1 Centro - (098) 232-4683 ◆ **J. Pessoa (PB):** (079) 231-8340 / 211-1867 ◆ **Maceió (AL):** Rua 13 de Maio 87 Poço ◆ **Brasília (DF):** SDS Ed. CONIC - Sobreloja 21 - cep 70391-900 Tel (061) 225-7373 ◆ **Goiânia (GO):** (062) 229-2546 ◆ **Belém:** Rua Riachuelo, 134 Comercio Tel (091) 225-3042 ◆ **Manaus (AM):** Rua Emilio Moreira 821 Altos Centro (092) 234-2289 ◆ **Recife (PE):** Rua da Gloria, 472 Tel (081) 231-3800◆ **Fortaleza (CE):** Av. da Universidade 2333 Centro - Tel (221-3972) ◆ **Porto Alegre (RS):** Rua Borges de Medeiros, 549 4º andar Centro ◆ **Passo Fundo (RS):** Rua Teixeira Soares, 2063 ◆ **São Leopoldo (RS):** Rua São Caetano, 53 ◆ **Terezina (PI):** Rua Lizandro Nogueira 1655 sala 02 - Centro

O nosso endereço eletrônico é: **sede.pstu@mandic.com.br**

EXPEDIENTE

Opinião Socialista é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado. CGC 73282.907/000-64 Atividade principal 61.81. Endereço: Rua Jorge Tibiriçá, 238 - bairro Saúde - São Paulo SP-CEP 04126-000. Impressão: Gráfica Vannucci

CONSELHO EDITORIAL
Martiniano Cavalcanti, Junia Gouveia, José Maria de Almeida, Valério Arcary, Enio Bucchioni, Carlos Bauer e Edna Araújo

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mariúcha Fontana (MTb14555)

EDITORIAL

E depois do dia 21?

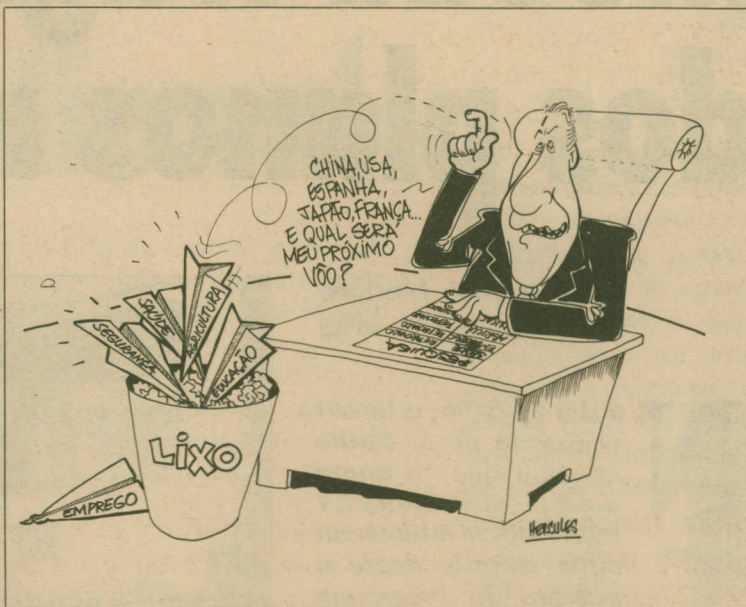
Na última semana foi divulgada uma pesquisa de opinião feita pela *IstoÉ/Brasmarket* que atesta a grande queda de popularidade do governo FHC. 80,1% dos entrevistados considera o governo entre regular e péssimo, contra apenas 17,8% que o acham bom ou ótimo. A maioria também manifestou sua desaprovação ao governo em função das suas promessas eleitorais jamais cumpridas. Os cinco dedos da sua campanha tornaram-se tema de piadas e charges até na grande imprensa.

Não é para menos. Apesar dos recentes discursos de FHC prometendo crescimento econômico de até 6% para este ano. O que realmente cresceu neste primeiro semestre foi o desemprego e a inadimplência. Vale registrar, que a cada dia o salário continua perdendo seu poder de compra diante de uma discreta elevação de preços que já atinge os produtos básicos.

Por outro lado, os serviços públicos já atingem níveis intoleráveis de sucateamento. No caso da Saúde, já não se contam "apenas" números dos cortes das verbas, mas sim vidas humanas, como nas tragédias de Caruaru e da clínica Santa Genoveva. Em troca disso, FHC continua vendendo o patrimônio público a preço de banana (R$ 320 milhões por um trecho de 7 mil quilômetros de trilhos da Rede Ferroviária Federal) e ajudando ainda mais os banqueiros prometendo agora um Proer diário, capaz de colocar dinheiro para ajudar os bancos a fechar suas contas no final do dia.

Será neste quadro que se realizará a Greve Geral. Tudo indica que deveremos ter um importante protesto nacional unificado contra o governo federal. O problema que já está se colocando é sobre o que fazer após o dia 21. Ou colocando de outra forma, qual deverá ser a estratégia da classe trabalhadora a partir daí?

São preocupantes as informações de que a direção majoritária da CUT não quer sequer reunir a sua Executiva após o dia 21, para discutir os passos posteriores a essa paralisação. Para o **PSTU**, não há dúvida de que a Greve Geral deve servir como um primeiro momento na construção de uma mobilização que tenha como objetivo derrotar o projeto neoliberal de FHC. Do ponto de vista dos trabalhadores, não há como conquistar os mais básicos direitos sem derrotar este projeto. O 21 de junho deve ser um ponto de partida de uma política permanente, para buscar mobilizar os trabalhadores e excluídos por suas reivindicações.

Independentemente da sua extensão, a Greve Geral do dia 21 não pode resumir-se apenas a um protesto, ou muito mais grave ainda, a uma demonstração de força das Centrais para reabrir futuras negociações com o governo. Também não temos dúvidas de que mesmo as campanhas eleitorais dos partidos de esquerda não devem resumir-se ao voto anti-governamental e à denúncia do neoliberalismo, mas, fundamentalmente, ao apelo para que os trabalhadores através da sua ação direta derrotem o governo.

OPINIÃO

Desvios da Reforma Agrária

Edivar Lavratti,
membro da coordenação estadual do MST — São Paulo

A bem da verdade, inicio dizendo que os projetos de assentamentos feitos até agora são mais uma política de assentamentos, fruto das lutas do MST e da sociedade, do que um programa de reforma agrária do governo.

O governo FHC prometeu assentar 280 mil famílias nos quatro anos de mandato. No primeiro ano, o governo diz ter assentado 42 mil famílias. Só assentou 12 mil novas famílias. Neste ponto em particular, o governo considerou como assentamento uma área no Mato Grosso que posseiros cultivavam há mais de 100 anos.

Está havendo uma onda de propaganda dos 200 mil hectares desapropriados, das terras do Exército, para a descentralização da Reforma Agrária e a consequente municipalização. De fato, houve desapropriações. Porém, na grande maioria, na Região Norte, longe dos principais conflitos sociais e atendendo a interesses de alguns superintendentes do Incra muito mais preocupados em fazer negociatas com fazendeiros.

Os mais de seis milhões de hectares repassados do Exército para o Incra, são na maioria terras impróprias para a agricultura e se encontram no perímetro da Amazônia legal. Esta foi uma forma de desviar a atenção do assunto principal que é a solução para os conflitos existentes.

A descentralização proposta não atende às nossas expectativas e por isso somos radicalmente contrários a municipalização da Reforma Agrária. Se hoje a corrupção e desvios de verbas são a marca registrada das prefeituras, com a municipalização da Reforma Agrária será o caos.

Uma coisa tem que ficar clara a estrutura fundiária do país está ligada diretamente ao Poder. Fazer a Reforma Agrária significa romper com o poder político dos latifundiários do nosso país.

Por isso, entendemos que o momento é de luta e mobilização. A Reforma Agrária avançará se garantirmos a mobilização do campo e da cidade. O governo FHC e o projeto neoliberal serão barrados se somarmos as forças. Temos pelo menos dois momentos especiais nos próximos meses: a Greve Geral de 21 de junho e o Grito dos Excluídos em setembro. Lutar sem trégua, esta é a receita contra o projeto neoliberal.

CARTAS

Ao verdadeiro jornal socialista

Gostaria de parabenizar o novo jornal Opinião Socialista na medida em que o mesmo presta uma grande contribuição para a luta dos trabalhadores desse país, informando de maneira imparcial a verdade da farsa do governo dos banqueiros FHC. Além disso, reivindica — o que é raro nos periódicos brasileiros — a luta por uma sociedade socialista.

Dessa maneira, gostaria de propor ao jornal Opinião Socialista que também publicasse trechos de textos de Marx, Engels, Lênin etc além de mencionar acontecimentos históricos (como por exemplo, movimento operário, sindicalismo brasileiro, Canudos, etc) que mencione personagens que tiveram importância na história das lutas brasileiras (como por exemplo, Lamarca, Mariguela, etc).

Continuem assim e pensem, por favor, na minha proposta para aumentar ainda mais a popularidade desse jornal que veio para ficar. Estarei assinando com certeza este instrumento da classe operária, que é o Opinião Socialista.

Roberto Mansilla Amaral,
Niterói (RJ)

NÚMEROS

Taxa de desemprego total em cinco regiões metropolitanas (1995/1996, em%)

Fonte: Dieese

Regiões	setembro	outubro	novembro	dezembro	janeiro	fevereiro
Brasília	15,9	15,6	16	16,2	16,8	--
Belo Horizonte	--	--	--	11,1	11,8	12,7
Curitiba	11,3	11,6	11,6	11,4	11,9	12,6
Porto Alegre	12,2	12,5	12,2	10,9	--	--
São Paulo	13,3	13,4	13,7	13,2	13,1	13,8

Governo mente ao dizer que taxas de juros vão cair

Moeda frágil é limite dos planos neoliberais

José Martins,
economista e membro do IES

No dia 29/5/96, o jornal *O Estado de S. Paulo* noticiou que *"a ajuda aos bancos atinge R$ 5,1 bilhões só em maio, uma cifra recorde desde a criação do Proer, em novembro, e forçará a expansão da dívida pública"*.

É muito dinheiro jogado fora, esterilizado nos circuitos improdutivos da economia. O resultado superficial do processo é a permanência de elevadas taxas de juros internas. Até os representantes do sistema financeiro internacional — mentores e principais beneficiados com a atual política econômica brasileira — começaram, nos últimos dias, a pressionar o governo para maneirar um pouco.

O exemplo mexicano ainda está muito fresco na cabeça destes senhores. Uma explosão no Brasil, parecida com a mexicana, teria efeitos muito mais incontroláveis no sistema especulativo global. Por isso, os economistas e a imprensa econômica dos centros imperialistas expuseram nos últimos dias, publicamente, suas preocupações com a saúde do Plano Real.

FHC andou prometendo que as taxas de juros internas vão cair e a economia voltará a crescer. Ele está mentindo, mais uma vez. Agora para se defender das crescentes pressões (externas e internas) sobre seu governo. Todo mundo sabe que a credibilidade no governo e na sua política econômica é um elemento crucial para se rebaixar o nível da taxa de juros. E é justamente este elemento que está caindo com muita rapidez.

Só agora os economistas do FMI descobriram que as baixas taxas de inflação do Real não serão sustentadas apenas pelo congelamento do câmbio e elevadas taxas de juros. Propõem então, como faz o senhor Rudger Dornbusch, o mais influente deles, que se desvalorize o real em 40% para que se reduza as taxas de juros. O que eles não entendem é que, em economias atrasadas, uma desvalorização da moeda é geralmente acompanhada pela elevação da taxa de juros. Um efeito contrário do que imagina o Sr. Dornbusch.

Uma explosão no Brasil teria efeitos incontroláveis

Isto acontece devido a uma importante particularidade destas economias dependentes: a histórica fragilidade de suas moedas nacionais. São moedas que existem apenas aparentemente, pois circulam só no interior das suas economias de origem. Jamais se realizam, não são trocadas, aceitas em qualquer tipo de transação no mercado internacional de divisas. É por isso que o plano Real representa a estabilização apenas aparente dos preços, na medida em que não está sendo eliminada a fragilidade da moeda nacional e, consequentemente, a inflação. Este é o seu limite.

Crise mexicana continua ameaçando o continente

O capital especulativo internacional encontra um terreno fértil na fragilidade destas moedas nacionais. Nestas condições estruturais, as "moedas fortes" dos Salinas, Menens, Cardosos, etc, serão crescentemente dependentes de volumosas entradas de capital financeiro externo e, o mais importante, à péssima qualidade das suas instáveis reservas internacionais. Na medida em que a credibilidade do governo varia, para cima ou para baixo, os empréstimos externos se deslocam para o longo-prazo (credibilidade para cima), ou o curto-prazo (credibilidade para baixo).

Países dependentes são paraísos para o capital globalizado

México, Argentina e Brasil se afundam cada vez mais no pior caso: credibilidade em baixa e capital se concentrando cada vez mais no curto-prazo. A consequência inevitável é que os juros internos também aumentem, refletindo o risco crescente de que as aplicações financeiras podem a qualquer momento não ser reembolsadas.

É por isso que essas economias dependentes da América Latina são os grandes paraísos para o capital globalizado, predominantemente especulativo e de curto-prazo. E para que estes paraísos se realizem é preciso contar com a cumplicidade das classes dominantes e dos governos destas economias, que impõem políticas econômicas adequadas aos movimentos e interesses de curto-prazo do capital globalizado.

Mas isto tudo tem limites. E não se tratam de limites provocados apenas pela corrupção desenfreada com o dinheiro público, nem pela barbeiragem dos governos na execução da política neoliberal. O limite último está, como sempre, nas desproporcionais exigências da roda gigante do sistema imperialista, de um lado, e na base podre de funcionamento da acumulação de capital nestas economias dependentes, de outro lado.

Desemprego não pára de crescer

Cresce solidariedade a socialistas argentinos

Estela Maris,
da redação

Vários atos foram realizados em diferentes capitais do país na Semana Internacional de Solidariedade convocada pela Liga Internacional dos Trabaladores aos presos políticos argentinos Horacio Panario e Alcides Christiansen. Em Porto Alegre, foi no dia 12 de junho; em Recife, no dia 14; e em São Paulo também no dia 14.

O ato em São Paulo contou com 50 pessoas e as presenças do vereador do PCdoB, Vital Nolasco; de Dirceu Travesso, pela Executiva Nacional da CUT e do candidato do PSTU à prefeitura de São Paulo, Valério Arcary. Eles formaram uma comissão que conseguiu uma entrevista com o representante do cônsul argentino em São Paulo. Foi apresentado o caso e centenas de assinaturas e declarações do movimento. Os manifestantes também exigiram que sejam tomadas medidas contra a repressão que o governo de Menem desata contra os trabalhadores.

Atos em vários países

No Paraguai, foi realizado um ato com vários dirigentes da Central Única dos Trabalhadores (CUT), que se solidarizou com a campanha internacional pela liberdade de Horacio e Alcides.

Na Europa, houveram manifestações nas embaixadas da Argentina em várias capitais. Em Londres, Atenas e Lisboa foram realizados atos no dia 12 de junho. Em Bruxelas, foi no dia 11.

Sem dúvida, exemplos importantes de que a campanha internacional pela liberdade de Panario e Christiansen está crescendo.

Mais de 7 mil assinaturas

A campanha no Brasil já reuniu mais de 7.500 assinaturas que exigem a liberdade dos companheiros e é necessário continuar com todo tipo de iniciativa para pressionar o governo a tomar medidas. Sempre é importante lembrar que os socialistas argentinos, presos por participarem de mobilizações contra o desemprego na província argentina de Neuquén, correm risco de sofrerem penas que variam de 5 a 10 anos de prisão.

Modo petista governa para o capitalismo

Mariúcha Fontana,
da redação

Cristóvam Buarque e Vítor Buaiz são dois dos principais expoentes das administrações petistas, já que governam o Distrito Federal e o estado do Espírito Santo, respectivamente. Ambos têm tomado medidas que não diferem em nada do projeto neoliberal aplicado pelo governo central.

A mais nova "iniciativa" vem de Vítor Buaiz (PT-ES). O governador lançou um pacote para conter gastos do governo, que inclui propostas de demissão incentivada, privatizações, redução dos adicionais salariais por tempo de serviço e assiduidade, diminuição na contratação de professores e busca de parceiros na iniciativa privada. O Programa de Demissão Incentivada pretende atingir servidores estatutários, celetistas, estáveis e não estáveis, da administração direta e indireta.

No documento que lança o pacote, o governador petista justifica: *"Precisamos estar perfeitamente sintonizados nas demandas de nosso tempo. Dentre essas demandas, quatro são mais importantes: a garantia da empregabilidade, com a busca do desenvolvimento sustentável; a prestação de serviços públicos, mas não necessariamente Estatais, para garantir o nível de vida da população; a manutenção da estabilidade da moeda, com a queda da inflação; e a readequação do papel do Estado, saindo de provedor para empreendedor/ indutor."*

As administrações de Buaiz e Cristóvam trazem à tona uma discussão de estratégia e de projeto. Coloca na berlinda o chamado "modo petista de governar", que o PT pretende que seja o carro chefe de sua campanha eleitoral este ano. Pode-se argumentar que os governadores de Brasília e do Espírito Santo estão fugindo do modo petista de governar ou não estão aplicando-o direito.

Professores fizeram greve contra Cristóvam

Mas pensamos que não é assim. A estratégia de governo sintetizada na fórmula "o modo petista de governar", ao não romper com os limites do capitalismo, leva à rendição ao capital e ao neoliberalismo. Em maior ou menor grau, a dinâmica destas administrações será igual à de Brasília e Espírito Santo.

O "modo petista de governar" leva à rendição ao capital

O chamado modo petista de governar, tem como horizonte avançar no que eles chamam de maior controle da sociedade civil sobre o Estado burguês e a busca de inverter a pauta dos governos, tendo como prioridade do Estado políticas sociais.

Busca-se garantir a cidadania sob o neoliberalismo. Como se fosse possível garantir direitos básicos - como emprego, habitação, saúde de qualidade e para todos, reforma agrária - sem derrotar o capitalismo. Daí, que esse projeto não vai muito além de políticas sociais compensatórias e, por isso mesmo, acaba sendo aplaudido em Conferências imperialistas, como a realizada pela ONU em Istambul.

Ao administrar respeitando os limites impostos pelo capital e seu Estado, sempre se estará sujeito a usar a máquina estatal contra os trabalhadores.

Governar para quê e para quem

Na disputa eleitoral municipal, a campanha da esquerda deve estar articulada com a estratégia de derrotar o projeto da classe dominante e seu governo central. E, por isso, deve ser um ponto de apoio para a mobilização e para a busca de auto-organização dos trabalhadores.

O programa deve pautar-se pela defesa das reivindicações dos trabalhadores e da necessidade de enfrentamento com os monopólios, para arrancá-las. A participação nas eleições e a eventual administração de uma prefeitura são meios para derrotar o capital. Se ganhar posições na institucionalidade passa a ser a estratégia, isso inevitavelmente, levará ao rebaixamento do programa.

E, uma vez no governo, ao invés do crescimento do poder popular, teremos na melhor das hipóteses, a tentativa de institucionalizar mecanismos de participação onde o povo tem um ínfimo poder de decisão e a classe dominante impõe seus objetivos.

Em suas campanhas, ao afirmar que a vida melhorou onde o PT governou, esse partido mente ao dizer que a vida pode melhorar em nível municipal, sem que se derrote o governo central. E também não esclarece a maioria do povo sobre a natureza de seus inimigos.

Desse modo, continua-se aceitando dinheiro de banqueiros e empreiteiras. Acaba-se participando de um governo de usineiros, como o de Arraes em Pernambuco, administrando ainda por cima a Secretaria de Saúde, envolvida com o episódio da hemodiálise de Caruaru. Ou ainda, realizando administrações como as de Cristóvam e Buaiz. (M.F)

ESTUDANTES

Técnicas defendem ensino

Alcydes Falcão,
da redação

No dia 12 de junho, cerca de mil secundaristas de várias escolas técnicas da cidade de São Paulo e universitários da Faculdade de Tecnologia de São Paulo (Fatec) ocuparam por algumas horas a delegacia do Ministério da Educação para exigir do governo a imediata retirada do projeto de reforma do ensino técnico e tecnológico, que tramita no Congresso. Também foram realizados atos em Jundiaí (600 estudantes) e Rio Claro (1000 estudantes).

Universidades também se mobilizam

No mesmo dia, também em São Paulo, professores, estudantes e funcionários da USP, Unesp e Unicamp realizaram uma manifestação com aproximadamente 2000 pessoas, reivindicando aumento salarial de 56% (contra os 7,6% oferecidos pelos reitores), a destinação de 11% do ICMS do estado para as universidades públicas, 2% para o CEETPS (faculdades de tecnologia) e a retirada do projeto de lei do deputado Vaz de Lima (PSDB) que propõe a cobrança de mensalidades nas universidades públicas paulistas.

Secundaristas fazem Congresso

Nos dias 22 e 23 de junho será realizado, em Mauá (SP), o Congresso de Reconstrução da União Paulista de Estudantes Secundaristas (UPES). A entidade deixou de funcionar em 1991, após o congresso de Santos, onde a UJS (PC do B) aproveitando-se do fato de ter maioria na comissão eleitoral fraudou 100 crachás.

Estudantes do PSTU e independentes, unidos na tese Reviravolta, participarão do Congresso propondo que a entidade assuma a luta contra Covas e FHC, em defesa da diretoria colegiada e pela formação de um conselho fiscal independente — formado por entidades de base — que não permita o desvio das verbas provenientes das carteirinhas estudantis.

Dia 21 de junho é o primeiro round contra governo FHC

Mariucha Fontana,
da redação

A greve geral do dia 21 de junho pode abrir uma situação mais favorável para as lutas dos trabalhadores ao enfraquecer o governo e e, principalmente, fazer com que o movimento aposte e acredite mais na sua própria força e capacidade de luta.

A já abalada popularidade do novo Fernando caiu mais uma vez: agora, só 17% aprovam seu governo. Por outro lado, as dificuldades crescentes no Congresso em função das disputas no interior da classe dominante e também da proximidade das eleições, que acirram suas contradições internas, estão levando o governo a abandonar a estratégia de aprovar as Reformas Administrativa e Tributária este ano.

Também devido a isto, FHC e seus aliados já estão se conformando com o fato de que não será possível aprovar a Reforma da Previdência exatamente da forma e no grau que eles queriam.

Todas as contradições internas do plano e as dificuldades políticas do governo aliadas, fundamentalmente, com a entrada em cena do movimento do conjunto dos trabalhadores fazem com que cresçam as condições para derrotarmos esse governo e seu projeto.

Mas uma maior fragilidade do governo, não significa que ele esteja morto ou derrotado. Muito pelo contrário. FHC, ciente de que as dificuldades são maiores, optou por fazer o "possível" neste semestre para manter o plano e a "estabilidade monetária". A qualquer preço.

Por um lado ele pretende jogar todas suas fichas nas eleições, buscando desviar as atenções do povo através das disputas municipais e, ao mesmo tempo, ganhar o pleito e se fortalecer para voltar com mais força ao ataque.

Se não for derrotado, FHC voltará ao ataque contra os trabalhadores

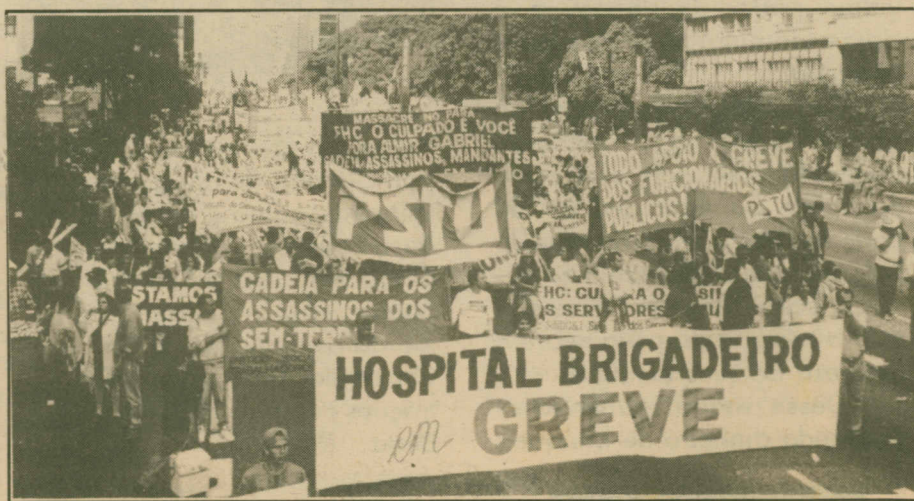
De imediato, o governo, mesmo abrindo mão da totalidade das Reformas, vai concentrar esforços no sentido de aprovar boa parte delas por outros mecanismos: medidas provisórias, leis complementares e leis ordinárias.

Ainda que este seja um recurso paliativo para o governo (já que está sendo obrigado a recuar da totalidade daquilo que desejava), para os trabalhadores, ainda assim, a política de FHC significará ataques imensos.

A Reforma Administrativa será o primeiro alvo do governo. Exceto o fim da estabilidade do servidor público, que deverá ficar para depois das eleições de outubro, o governo vai buscar aprovar por maioria simples no Congresso o fim da contagem em dobro para efeito de aposentadoria da licença prêmio não gozada; o fim da reclassificação para cima dos servidores que se aposentam; a proibição do acúmulo de vencimentos e a fixação de um teto para os salários dos servidores.

Na Reforma da Previdência, também via lei ordinária, FHC vai tentar diminuir o repasse das estatais para os Fundos de Pensão. E, na Reforma Tributária, vai abrir mão de impostos e garantir de imediato subsídio para os exportadores.

Trabalhadores devem continuar em cena

A greve geral do dia 21 é um primeiro, e importante, *round* contra FHC. Sobretudo, por traduzir em ação direta, a indignação da maioria dos trabalhadores e do povo. No entanto, se esse primeiro *round* não tiver continuidade, se as direções majoritárias não trabalharem com a estratégia de seguir com a mobilização pelas reinvidicações mais sentidas dos trabalhadores, o governo terá fôlego e margens de manobra para seguir com os ataques.

Certamente, se abrirá um importante debate em relação à estratégia que será adotada pelo movimento.

Pois é, no mínimo, preocupante as declarações que Vicentinho, presidente da CUT, deu ao jornal *O Estado de São Paulo*, de 18 de junho, afirmando que o grande protesto do dia 21 "*vai determinar a participação do movimento sindical daqui para a frente nas negociações com o governo sobre as reformas e a política econômica*". **(M.F.)**

Problemas identificados pela população em pesquisa do Instituto Gallup

Contra FHC e a patronal

Nossa luta é contra o governo FHC e seu projeto econômico. Isso significa que é também uma luta contra os grandes empresários, os banqueiros e os latifundiários que são os maiores beneficiários da política econômica e das reformas defendidas pelo novo Fernando.

Os banqueiros já levaram mais de R$ 15 bilhões do dinheiro público. Os grandes empresários querem mais exploração: são os maiores defensores das reformas, da demissão de funcionários públicos e dos ataques aos direitos trabalhistas.

Eles demitem sem pena nem dó e ainda querem pagar menos impostos e menos salários. Os latifundiários além de não pagarem impostos e serem os maiores caloteiros do Banco do Brasil (sob a conivência e cobertura do governo) assassinam sem-terras. **(M.F.)**

Nossas reivindicações

Emprego

Para barrar o desemprego precisamos conquistar a redução da jornada sem redução dos salários. Devemos mobilizar todos os trabalhadores do Brasil e buscar unir também todos os trabalhadores do Mercosul e de toda América Latina.

O desemprego vem crescendo de modo acentuado. É responsável por isso a reestruturação produtiva nas empresas, que buscam produzir mais com menos empregados. A "abertura econômica" também está levando pequenos e médios empresários, bem como pequenos produtores rurais, à falência.

Além disso, milhares de servidores públicos estão sendo demitidos nos estados e municípios. E o governo ainda pretende acabar com a estabilidade do servidor para demitir, pelo menos, 1 milhão de funcionários.

Reforma Agrária e punição para os assassinos

Exigimos reforma agrária radical sob controle dos trabalhadores. Como o MST, queremos o assentamento de 500 mil famílias por ano. Isso significaria criar 6 milhões de empregos diretos nos próximos quatro anos e poderia quadruplicar ou quintuplicar a produção de alimentos no país. Existem hoje 4,7 milhões de famílias sem terra, enquanto 1% dos proprietários rurais são donos de quase metade das terras do Brasil.

Exigimos, também, a imediata punição dos responsáveis pelos massacres dos sem-terras, bem como a prisão dos assassinos de dirigentes rurais. Chega de impunidade!

Aposentadoria digna e aumento geral de salários

Aumento imediato de 100% para o salário mínimo, em direção ao mínimo do Dieese. Exigimos também o aumento geral de todos os salários e aposentadorias.

No Brasil a patronal e o governo, pagam salários africanos, enquanto temos preços de Nova York e Paris. O salário mínimo pago aqui consegue ser inferior ao mínimo pago no Paraguai. O custo médio da indústria com mão de obra é um dos menores do mundo. Um metalúrgico da Mercedeas Benz na Alemanha ganha US$ 25 por hora, enquanto que o do ABC ganha US$ 7.

Contra as Reformas de FHC. Mais e melhores serviços públicos

Pela manutenção do direito à aposentadoria para todos os trabalhadores e manutenção da estabilidade dos servidores públicos.

Exigimos mais e melhores serviços públicos. Reivindicamos mais verbas para educação, saúde e previdência e a abertura de concurso público nestas três áreas, que têm déficit de pessoal e, também, o controle dos trabalhadores sobre os serviços.

Defesa dos direitos sociais e trabalhistas

Não aceitamos a flexibilização dos direitos trabalhistas e ataques às conquistas sociais dos trabalhadores. Somos contra que toquem na licença maternidade, no direito às férias e ao 13º salário. Não aceitamos contratos temporários e exigimos carteira assinada para o conjunto dos trabalhadores. **(M.F.)**

Continuar a luta após o dia 21

A unidade dos trabalhadores e da juventude, na cidade e no campo, na greve geral do dia 21 de junho não pode parar aí. É preciso dar prosseguimento à essa mobilização. Isto é decisivo para arrancarmos nossas reivindicações. Nesse sentido, inclusive a participação nas eleições deste semestre, deve estar a serviço de estimular e dar continuidade à mobilização.

Mas para isso é preciso mudar a estratégia que norteia a direção majoritária da CUT, que em essência tem sido a de negociar propostas dentro dos limites impostos pelo capital. Se isto prevalecer, corremos o risco de que a greve do dia 21 seja apenas um momento de pressão sobre o governo e as Centrais voltem a negociar migalhas, abrindo mão de direitos históricos, como ocorreu na negociação da Reforma da Previdência.

Para conquistarmos as reivindicações é preciso derrotar o projeto neoliberal na sua globalidade. Negociações e acordos pontuais com o empresariado conduzirão a derrotas. O caminho a seguir para derrotar o governo e impor uma saida dos trabalhadores é o da ação direta de milhões. **(M.F.)**

Luta na Krones em Diadema foi contra o desemprego

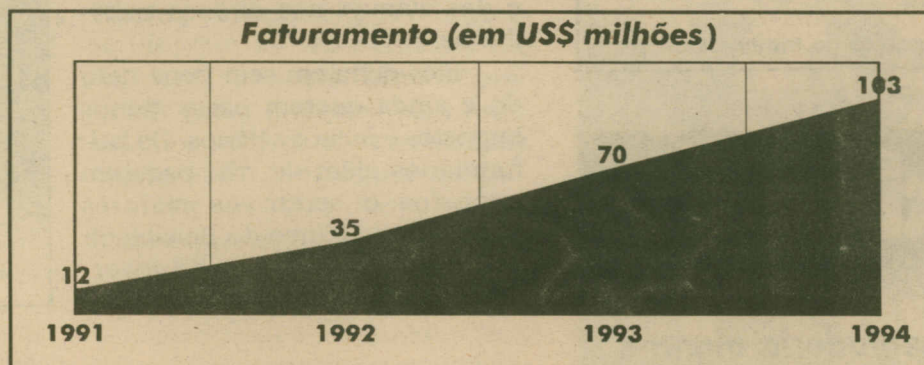
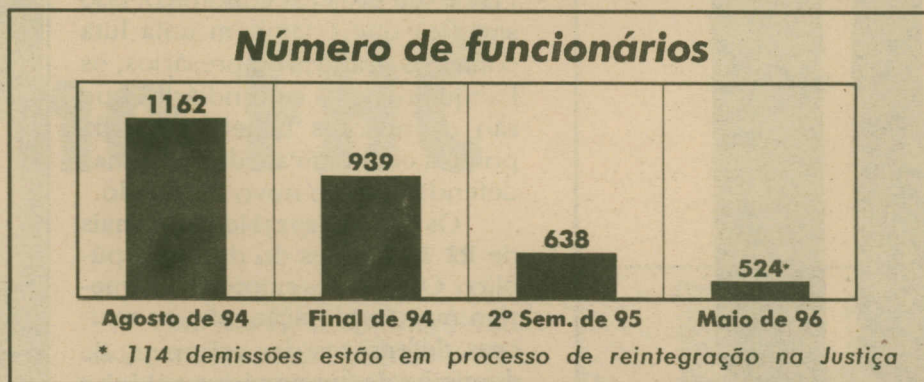
Mobilização consegue um resultado inédito

J.D.Almeida e Jonas Potiguar, de São Paulo

A Krones, localizada em Diadema (ABC paulista), é uma metalúrgica fabricante de máquina sengarrafadoras e rotuladoras para a indústria de bebidas. Seus principais clientes são a Brahma, Antárctica e Coca Cola. É uma empresa alemã que monopoliza este ramo no mercado brasileiro e americano.

Alegando a necessidade de se "adaptar a realidade do mercado" e a "competitividade", a Krones cortou pela metade o número de funcionários. Demitiu cipeiros, trabalhadores com problema de saúde ou acidentados, usando a armadilha do voluntariado forçado, uma forma sutil e criminosa de impedir que os trabalhadores lutem por seus direitos.

Esses ataques fizeram com que os trabalhadores, que já estavam em mobilização, dessem um basta. A gota d'água foi a decisão da empresa de demitir 114 funcionários no mês passado. A peãozada se levantou e foi à greve pela reintegração dos demitidos. Foram 10 dias de greve, com os trabalhadores parados dentro da empresa, onde nenhuma máquina funcionou.

A empresa pediu o julgamento da greve no TRT. Na junta de conciliação, o juiz propôs o retorno imediato ao trabalho dos não demitidos e, para os demitidos, cesta básica e convênio médico por seis meses mais 80% de multa no FGTS. A Krones não concordou e apelou para o julgamento. A mobilização e a greve levaram a que, no julgamento, os juízes decidissem contra a posição da empresa, criando uma jurisprudência inédita ao decidir, com base na Convenção 158 da OIT, que as demissões eram imotivadas e que, à partir daquele momento os trabalhadores da Krones teriam 90 dias de estabilidade e o pagamento dos dias parados. Decidiu também, que os demitidos devem entrar com processo de reintegração na justiça do trabalho o que abre a possibilidade de reverter as demissões.

Apesar desse resultado, não dá para confiar na justiça dos patrões. Confiar nesta justiça é entregar o galinheiro para a raposa. A experiência da Schuller não foi esquecida. Lá os trabalhadores fizeram 18 dias de greve, ganharam a reintegração dos demitidos na justiça em primeira instância e a empresa recorreu ao tribunal em Brasília que deu ganho de causa aos patrões.

A mobilização e a união dos trabalhadores deve continuar permanentemente. Nenhum vacilo! O que garantiu a vitória no tribunal foi a greve e a mobilização, e só ela pode garantir a reintegração dos demitidos e evitar futuras demissões.

Essa luta vai mais longe do que garantir a reintegração dos demitidos. É uma luta contra um projeto da Krones de transformar a subsidiária brasileira em um almoxarifado de reposição de peças. Para enfrentar este projeto, é necessária a união e o contato urgente entre os trabalhadores da Krones do Brasil e alemã, informá-los da situação e traçar um plano de luta comum.

Metalúrgicos fizeram um golaço, mas ainda tem muito jogo pela frente

Reestruturação é negativa para o trabalhador

O desenvolvimento da ciência e da técnica nas mãos dos capitalistas ao invés de melhorar a vida e diminuir a jornada de trabalho, faz o oposto. Joga a humanidade na mais absoluta miséria para salvar um punhado de grandes empresas que dominam o mundo. São 800 milhões de desempregados no mundo. A cada minuto morrem 25 crianças de fome no planeta.

A "reestruturação produtiva" busca, utilizando novas tecnologias, reduzir os custos até chegar ao grau de exploração da China aonde tem muito trabalhador com jornada diária de 12 horas, dormindo nos porões das empresas, com um dia de folga por mês, tendo que trabalhar dois meses para ganhar o que o trabalhador europeu ganha em um dia. Isto é o que almejam os patrões, quando falam em reduzir o "custo Brasil" e serem "competitivos".

Eles querem transformar o Brasil numa China. Eles querem o trabalhador como um novo escravo.

Contra tudo isso, os trabalhadores de todos os continentes estão se levantando. Hoje, mais do que nunca, a globalização da economia exige a união internacional dos trabalhadores, a globalização da nossa luta, para enfrentar esta ofensiva do capital. (J.D.A. e J.P.)

Dois caminhos contra o desemprego

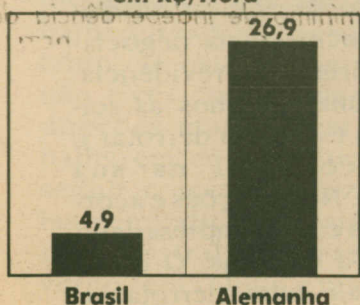
A mobilização na Krones retoma o debate sobre a luta contra o desemprego. Basicamente existem dois caminhos. Um deles é o que propõe a Articulação Sindical, que é o de resolver o problema do desemprego e da crise negociando com patrões, trabalhadores e governo. Para isso propõe câmaras setoriais, flexibilização da jornada, aceitando até a desregulamentação dos direitos trabalhistas como o direito à carteira assinada, negociar a aposentadoria etc. Baseados nesta visão foram feitos os acordos da câmara setorial no ABC, da Mercedes e da Scania.

Empresas romperam acordos

Em todos estes casos as empresas romperam os acordos, demitiram trabalhadores, ganharam com a isenção de impostos e não se garantiu o emprego. As empresas aumentaram a produtividade, produzindo mais com muito menos operários, ganharam rios de dinheiro e o trabalhador saiu perdendo. Em Diadema, por exemplo, o desemprego atingiu 30 mil trabalhadores num total de 320 mil habitantes. Nestes acordos o governo entra com a árvore, o patrão com a corda e o trabalhador com o pescoço!

Mobilização é alternativa

O outro caminho é o da luta! É o caminho da luta dos sem-terras. É a greve geral do dia 21! São os 10 dias de greve dos trabalhadores da Krones. É o exemplo da greve francesa e dos trabalhadores alemães, que tomaram as ruas há poucos dias, levando 350 mil operários às ruas. É a união do empregado com o desempregado lutando pela isenção de pagamento de água, luz, IPTU, para os desempregados. É a garantia de um plano de obras públicas (escolas, hospitais, casas populares) que gere empregos. É a luta pela redução da jornada sem redução de salário, e pela reforma agrária.

Para garantir dinheiro para financiar estas propostas, é necessário não pagar a dívida externa e interna aos grandes bancos, aumentar progressivamente os impostos para as grandes fortunas e sobre os lucros astronômicos dos grandes empresários.

Governo suspendeu o leilão do Meridional

Pedro Santos,
de Porto Alegre (RS)

Ao anunciar o edital de privatização do Banco Meridional no último dia 20 de março, o governo de Fernando Henrique Cardoso não imaginava as dificuldades que encontraria. O leilão do banco era apresentado como prova da disposição do governo de estender seu projeto privatizante ao segmento do sistema financeiro sob seu controle. Além disso, o preço mínimo oferecido aos compradores, de R$ 438 milhões, transformava o negócio numa barbada para os banqueiros.

Apesar dessas condições, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), responsável pelo programa de privatizações, não conseguiu reunir mais do que cinco candidatos à compra. Inscreveram-se os bancos AGF do Brasil, Boston, Itamarati e Bozano Simonsen, além da Associação Nacional dos Funcionários do Sistema Meridional (Adesbam) que, contrariando decisão da categoria, habilitou-se à compra de 13% das ações reservadas ao funcionalismo. Desinteressados em entrar isoladamente na disputa, os empresários gaúchos começaram a negociar uma parceria com o norte-americano Banco de Boston.

Em três meses, leilão do banco Meridional foi adiado duas vezes

No dia 9 de maio, uma onda de boatos alertou para supostos problemas na carteira de empréstimos do Meridional. A maior parte dos créditos do banco, avaliados em R$ 1,2 bilhão, seria de difícil recuperação. O governo, a diretoria do Meridional e os candidatos à privatização não assumiram a responsabilidade pela informação. Ao mesmo tempo, a Procuradoria-geral da República no Rio Grande do Sul ingressou com pedido de liminar para suspender o leilão, sob a alegação de que o processo seria irregular.

Em meio à confusão, o BNDES foi obrigado a adiar o leilão de 14 de maio para 11 de junho. A essa altura, porém, o negócio já estava comprometido. A anunciada parceria entre o Banco de Boston e o empresariado gaúcho não avançou. O governo tornou pública sua preocupação com a falta de compradores. No dia 4 de junho, o governo anunciou um novo adiamento do leilão, dessa vez sem data marcada.

Enquanto a crise prosseguia entre os de cima, os representantes funcionais do Meridional e o Sindicato dos Bancários de Porto Alegre, exigiam que o prefeito da cidade, Tarso Genro (PT), estivesse à frente de uma campanha estadual contra a privatização do banco. Tarso aceitou a idéia e um grande ato foi realizado em frente à Agência Centenária do Meridional, no centro de Porto Alegre, com a participação de lideranças políticas e sindicais. *"Uma pesquisa encomendada pelo Sindicato dos Bancários mostrou que a maioria da população gaúcha é contrária à venda do Meridional para os banqueiros"*, informa Júlio Flores, idealizador do ato, coordenador-geral do Sindicato dos Bancários e militante do **PSTU**.

Claudio Waine

Atos em defesa do Meridional reuniram milhares

Maria do Carmo

Júlio Flores

Proposta da prefeitura é gol contra

Poucos dias após o governo anunciar o novo adiamento do leilão do Meridional, a prefeitura de Porto Alegre tornou pública uma proposta de suspensão do processo de venda do banco por dois anos. Nesse período, a União manteria a participação majoritária no Meridional, com 51% das ações. O restante seria dividido entre funcionários (15%), municípios (8%), associações civis e cooperativas (7%), associações de micros, pequenas e médias empresas (7%), público em geral (7%) e Estados (5%). Terminado o prazo, os sócios poderiam comprar a parte da União.

Tarso Genro

Júlio Flores diz que a proposta da prefeitura, apresentada justamente quando o governo bate em retirada, é *"um gol contra"*. Para ele, o projeto *"cria a ilusão de que possa existir um banco público não estatal que não esteja a serviço dos interesses privados"*. Júlio afirma que a prefeitura deve retirar sua proposta, pois *"a melhor forma de lutar contra o saque do Meridional é apresentar uma proposta de banco público e estatal controlado pelos trabalhadores, a serviço da reforma agrária, da criação de empregos, da saúde e da educação."*, concluiu Júlio Flores. (P.S)

PSTU lança candidato na Paraíba

Eder Dantas,
de João Pessoa (PB)

No sábado dia 22 de junho, o PSTU irá realizar em João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, a convenção municipal do partido, que deverá confirmar a candidatura do operário Afonso Abreu à prefeitura dessa cidade, o candidato a vice-prefeito e a chapa de vereadores do PSTU. O partido havia lançado a pré-candidatura de Afonso Abreu em um ato realizado no dia 23 de maio, que contou com a presença de 40 pessoas. Nessa ocasião, o PSTU mostrou-se disposto a unificar a esquerda contra o governo federal.

No entanto, a postura da direção do PT tem sido outra. O candidato petista, o deputado-padre Luis Couto, defendeu uma frente de "governabilidade com o PMDB no 2º turno". O PT, ao mesmo tempo, manteve negociações com o PDT do deputado Wilson Braga, aliado histórico da direita mais reacionária da Paraíba.

Partido propôs aliança ao PT

O PSTU propôs ao PT em João Pessoa uma aliança onde estava disposto a retirar a sua pré-candidatura se houvesse acordo em alguns pontos de programa como: oposição aos governos federal, estadual e municipal (PDT); nenhuma aliança com os partidos aliados desses governos; que um futuro governo da esquerda se comprometesse a não colocar a polícia contra os trabalhadores e a não apresentar nenhum plano de demissão em massa de funcionários públicos. O PT não aceitou esse programa.

Por outro lado, o PCdoB estava fechando uma aliança com o PMDB, cujo candidato é o ex-secretário de políticas regionais do governo FHC, Cícero Lucena.

Candidatura recebe adesões

A postura dos partidos de esquerda em João Pessoa, especialmente a do PT, ao recusar um programa com um mínimo de independência de classe, fez com que o PSTU rejeitasse a proposta de composição eleitoral com o PT.

Vale lembrar, que o provável candidato do PSTU, Afonso Abreu, é presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de João Pessoa e sua candidatura vem recebendo muitas adesões do movimento operário e popular.

Terra e Liberdade

Wilson H. da Silva, da redação

Os aplausos que vêm sendo dados ao final de cada exibição de ***Terra e Liberdade***, o filme do diretor inglês Ken Loach sobre a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), são mais do que justos. O filme empolga e emociona.

Parte de seu sucesso é devido à forma que Ken Loach encontrou para contar a história de um dos mais violentos e dramáticos episódios desse século. Em seu filme, História e Revolução, conflitos e traições políticas e um vigoroso processo revolucionário mesclam-se com paixões e desilusões pessoais, sofrimentos e alegrias que resgatam a dimensão humana de um conflito de enorme importância histórica.

Mas, acima de tudo, ***Terra e Liberdade*** é uma bela lição de luta revolucionária e internacionalismo. O filme começa com a morte de David Carr, já idoso, na Inglaterra. Arrumando os objetos pessoais de David, sua neta encontra cartas, recortes de jornais e objetos, através dos quais o envolvimento de David com a revolução espanhola é recontado desde o momento em que ele, numa reunião do Partido Comunista, atende ao chamado de um militante espanhol e parte para o *front* da região de Aragão para combater o exército do general fascista Francisco Franco.

David, como milhares de outros militantes de vários países, estava convencido de que o que acontecesse na Espanha seria determinante para os trabalhadores de toda a Europa e do restante do mundo. Sua história é um fragmento da vida de outros 25 mil militantes anti-fascistas, de 53 países diferentes, que partiram para o país para integrar as famosas *Brigadas Internacionais*.

Apesar de ser membro do PC, David acaba se alistando numa milícia armada dirigida pelo Partido Operário de Unificação Marxista (POUM), que se opunha a Stalin e sua política, composta em grande parte por outros estrangeiros.

Filme é uma bela lição de luta revolucionária e internacionalista

É através desse grupo de homens e mulheres (marinheiros, ferroviários, faxineiras e desempregados) que todas as contradições da revolução espanhola ganham uma vida e dinamismo impressionantes. De forma apaixonada, eles convivem com o treinamento precário dos milicianos, a falta de armas, a perda de companheiros, a tomada do poder nas vilas e as assembléias para discutir a coletivização das terras, os enfrentamentos com a Igreja e, acima de tudo, as traições do stalinismo que, a partir de determinado momento, volta suas armas contra todos que se opunham à sua política.

Em meio a tudo isso, David se envolve com Blanca, uma militante do POUM que, de certa forma, simboliza a própria Espanha da época: um país jogado numa luta apaixonada pela liberdade, contra o fascismo e qualquer tipo de opressão.

Uma batalha que, infelizmente foi derrotada, mas que de forma alguma foi em vão. É essa "mensagem" final que arranca os aplausos da platéia, quando vemos a neta de David erguer orgulhosamente seu punho com lenço vermelho guardado por seu avô e ouvimos a voz de Blanca dizendo: ***"Nossa luta é dura e os inimigos são muitos. Mas nós somos muitos mais. O nosso dia chegará".***

Stalinismo traiu a revolução

Em uma das cenas mais impactantes do filme, David rasga sua carteirinha do Partido Comunista. Obrigado pelos stalinistas a atirar em anarquistas que até há pouco tempo estavam no mesmo *front* que ele, David se rebela definitivamente contra a política de Stalin e decide voltar para a milícia do POUM, já colocada na ilegalidade pelo governo da Frente Popular.

Tendo partido para a guerra movido pelo idealismo, David lentamente compreende que, apesar da garra de muitos militantes do PC que arriscaram ou perderam suas vidas em terras espanholas, o stalinismo foi um dos principais responsáveis pelo trágico desfecho do processo revolucionário.

A traição de Stalin já era evidente em setembro de 1936, quando a URSS, a Inglaterra, a França, a Itália e a Alemanha haviam formado, em Londres, um Comitê Internacional pela Não Intervenção na Espanha.

Esse acordo foi uma farsa que só ajudou Franco. Durante a guerra, a Itália e a Alemanha enviaram cerca de 80 mil soldados e milhares de armas, tanques, aviões e canhões para ajudar os fascistas espanhóis.

Somente depois que os fascistas italianos e alemães já lotavam o *front* franquista, a URSS enviou 420 aviões, armas e gasolina, mas nunca mais do que mil soldados para a Espanha. Contudo, com o avanço e a radicalização do conflito, Stalin, já ensaiando o acordo que seria assinado com Hitler em 1939, foi gradativamente se retirando da guerra e voltou suas armas contra todos aqueles que estivessem contra sua política.

As milícias foram forçadas a se incorporar ao Exército Popular e aqueles que se recusassem, como o pelotão de David, passaram a sofrer boicote de armas. Depois de algum tempo, os milicianos foram praticamente "entregues" às forças fascistas: os reforços prometidos jamais chegaram às regiões dominadas por eles.

A partir desse momento, a traição assume sua face mais odiosa: o assassinato puro e simples de milhares de combatentes honestos entrincheirados entre as garras dos fascistas e as balas do stalinismo. **(W.H.S.)**

As lições da heróica Revolução Espanhola

No dia 18 de julho de 1936, o general Francisco Franco liderou um golpe militar na Espanha. No dia seguinte, uma rebelião popular deu início a um explosivo processo revolucionário. Destacamos aqui alguns dos episódios mais importantes desse período.

Em **14 de abril de 1931**, republicanos e socialistas venceram as eleições municipais, pondo fim à ditadura do general Miguel Primo de Riviera.

Em **1933** uma coalizão de direita retomou o poder. Em **outubro de 1934**, com o país bastante polarizado, ocorreu uma revolta nas Astúrias (onde os trabalhadores controlavam as fábricas e campos) e uma violenta represão deixou milhares de mortos e presos.

Em **16 de fevereiro de 1936**, os republicanos voltaram ao poder através da vitória da *Frente Popular*, uma aliança entre partidos burgueses republicanos, o *Partido Socialista Operário Espanhol* (PSOE), o *Partido Comunista*, o *Partido Operário de Unificação Marxista* (POUM), as principais entidades sindicais do país, como a *União Geral dos Trabalhadores* (UGT) e uma série de outras organizações, inclusive as anarquistas, que compuseram a Frente Popular.

Sentindo-se vitoriosos, os trabalhadores novamente partiram para a ofensiva. No dia **17 de julho**, Franco iniciou o golpe no Marrocos e, apoiado em monarquistas, católicos e nacionalistas, detonou a guerra civil.

Em **maio de 1937**, Juan Negrín, do PC, tornou-se primeiro ministro dando início a uma violenta perseguição contra os opositores de Stalin. Em **26 de janeiro de 1939**, Barcelona, o principal foco de resistência a Franco foi tomada pelos fascistas. A guerra chegava ao seu final. O franquismo governaria a país até **novembro de 1975**.

Após a queda de Barcelona, em um texto intitulado *"A Tragédia da Espanha"*, Leon Trotsky escreveu: *"As classes dominantes de todos os países capitalistas demonstraram estar ao lado de Franco. A burguesia espanhola passou completamente para o campo de Franco. (...) As massas, que haviam assegurado todos os êxitos anteriores da revolução, continuavam acreditando que a revolução iria levar à transformação das relações de propriedade e à entrega das terras aos camponeses e das fábricas aos operários.*

Mas, contudo, *"os senhores republicanos fizeram todo o possível para desprezar e afogar em sangue as mais caras esperanças das massas oprimidas. O resultado foi uma desconfiança e um ódio crescentes dos camponeses e operários em relação às tramoias republicanas. O desespero ou uma triste indiferença substituíram o entusiasmo revolucionário e o espírito de sacrifício. Os trabalhadores, então, deram as costas àqueles que os enganaram e pisotearam. Esta é a primeira razão da derrota das tropas republicanas. O instigador dos enganos e do massacre aos operários revolucionários espanhóis foi Stalin"*. **(W.H.S.)**

Marinheiros republicanos em Barcelona, em 1931

"Instigador do massacre dos revolucionários espanhóis foi Stalin"

POUM vacilou na guerra civil

No centro da trama de *Terra e Liberdade* estão as bandeiras e os militantes do POUM, o Partido Operário de Unificação Marxista. Este partido surgiu em 1934, como resultado da unificação da Esquerda Comunista (EC) e o Bloco Operário e Camponês (uma dissidência do PC).

Antes disso, Andrés Nin, seu principal dirigente, havia integrado a *Oposição de Esquerda*, a organização fundada por Leon Trotsky para combater o stalinismo internacionalmente. Ao romper com Trostky, apesar de continuar se opondo a Stalin, Nin e seus seguidores no POUM (aproximadamente três mil militantes) acabaram optando por integrar o governo da Frente Popular, em 1936. Essa política, foi em última instância, responsável por sua própria destruição.

Manifestação da POUM

Em junho de 1937, após uma campanha construída com provas falsificadas, o stalinismo prendeu os principais dirigentes do partido e processou seu Comitê Executivo por alta traição, alegando que eles estavam a serviço da espionagem hitlerista. Durante o processo, Andrés Nin desapareceu e somente mais tarde se soube que ele havia sido assassinado por stalinistas na Vila de Alcalá de Henares. Seu corpo jamais foi encontrado. (W.H.S.)

CULTURA

Livros contam história da guerra

Entre os vários livros que foram escritos sobre o processo revolucionário espanhol, indicamos alguns que estão mais diretamente relacionados com a abordagem de Terra e Liberdade. Leon Trotsky, o maior crítico da ação nefasta do stalinismo na Guerra, escreveu Escritos sobre España.

Já George Orwell, que integrou as Brigadas Internacionais, publicou vários livros, entre eles Recordando a Guerra Espanhola e Lutando na Espanha, onde o escritor (autor de A revolução dos Bichos e 1984) relata de forma apaixonada o cotidiano nas trincheiras e vilas dominadas pelos antifascistas, discutindo o papel das mulheres revolucionárias, a ebulição artística e cultural dentro do país, etc.

Brasileiro fez parte das brigadas

Outro livro importante para a compreensão do processo é Revolução Espanhola, onde André Nin, líder do POUM, tenta justificar os vacilos e trágicos equívocos cometidos por sua organização.

Além disso, há uma infinidade de livros escritos por historiadores como Raymond Carr, Manuel Tuñon de Lara, Stanley Payne e outros. Há ainda, escritos que retratam a experiência de combatentes estrangeiros como Um Brasileiro Na Guerra Civil Espanhola, de José Gay da Cunha.

Filmes também retratam o tema

Em vídeo também é possível ver uma série de obras que retratam o tema, desde o ultra-romantizado Por quem os sinos dobram? (baseado no livro de Ernest Hemingway, outro famoso brigadista) até obras mais recentes como Ay Carmela!, de Carlos Saura, que discute a guerra a partir do ponto de vista de uma trupe de artistas que circula pelo front. Aliás, cabe lembrar que, de certa forma, todos os demais filmes de Saura, e os de Luis Buñuel sempre fazem menção (mesmo que metaforicamente) à guerra ou ao período dominado por Franco.

PSTU terá programa na televisão

No dia 26 de junho (quarta-feira), às 21:30 horas o **PSTU** irá aparecer em cadeia nacional de televisão. Teremos apenas dois minutos para mostrar as nossas idéias e apresentar o **PSTU**. Haja criatividade!

Mas, nos dois minutos que nos cabem, você verá um programa político que não será nada parecido com a chatice demagógica e com o monte de mentiras que os partidos políticos burgueses costumam apresentar.

O que mostraremos na telinha será um programa político diferente. Você verá um partido socialista em oposição, prá valer, ao novo Fernando e seu plano. Verá o apoio à luta por emprego, salário e terra e a defesa de que os trabalhadores devem governar esse país. Você verá propostas socialistas para mudar o Brasil.

PSTU falará para milhões, em rede nacional, no dia 26

Você deve estar se perguntando, por que o **PSTU** tem tão pouco tempo na TV. Isto ocorre porque a legislação eleitoral determina que os partidos que não têm representação no Congresso Nacional só têm direito a dois minutos por ano para fazer seu programa nacional! Já os partidos que têm parlamentares no Congresso, podem dispor de mais tempo.

Esta lei é uma boa demonstração da "democracia" em nosso país. Enquanto os "grandes" partidos, na sua maioria formados por empresários e latifundiários, que já têm pleno acesso aos meios de comunicação diariamente, são privilegiados com mais tempo para tentar enganar a classe trabalhadora com suas falsas promessas, a maioria dos partidos que defendem os interesses e as lutas dos explorados, têm um tempo reduzido.

É a primeira vez que o **PSTU** irá aparecer em cadeia nacional de TV. Reúna os companheiros e companheiras, nossos amigos e simpatizantes, para assistir o **PSTU** na televisão no próximo dia 26.

Campanha de assinaturas

São Luis faz debate para lançar jornal

Os companheiros de São Luis do Maranhão estão organizando o lançamento do Opinião Socialista para o mês de julho. Será realizado um debate na universidade para lançar o jornal e os companheiros esperam, com esta atividade, fazer muitas assinaturas.

Esta é uma excelente idéia que pode ser aproveitada em muitas cidades.

São Paulo sai na frente

Além de já terem feito 126 assinaturas, os militantes da cidade de São Paulo também são campeões em conseguir contribuições solidárias entre os assinantes do Opinião Socialista e simpatizantes do PSTU. Duas pessoas fizeram assinaturas solidárias no valor de R$ 1 mil cada e um simpatizante, dono de uma gráfica, fará os materiais da campanha eleitoral de São Paulo e São José dos Campos a preço de custo.

Este é um exemplo a ser seguido. Procure aquelas pessoas que podem assinar o jornal e ajudar na campanha eleitoral do partido, oferecendo a assinatura solidária do jornal.

Comerciários dão exemplo

Em Passo Fundo, interior do Rio Grande do Sul, foram feitas 10 assinaturas semestrais, em uma semana, entre os comerciários da cidade. O importante é que todos as pessoas que assinaram o Opinião Socialista ganham em média R$ 250 por mês e mesmo assim se dispuseram a assinar o jornal, gastando 10% do seu salário.

Promoção!

Ao assinar o Opinião Socialista você ganha um mês grátis. Fazendo a semestral você ganha 28 exemplares. Se fizer a anual, você recebe 54 exemplares. O pagamento pode ser parcelado em duas ou três vezes.

ACEITA OPINIÃO?

Assine agora o novo jornal do PSTU

nome completo

Endereço (rua, nº, complemento)

cidade — UF — CEP

☐ **Semestral** (28 exemplares)
- ☐ 1 parcela de R$25,00
- ☐ 2 parcelas de R$12,50
- ☐ 3 parcelas de R$ 8,40
- ☐ solidária R$ ______

☐ **Anual** (52 exemplares)
- ☐ 1 parcela de R$50,00
- ☐ 2 parcelas de R$25,00
- ☐ 3 parcelas de R$16,70
- ☐ solidária R$ ______